

These apresentada ao concurso  
da cadeira de Geographia, Choro-  
graphia, Historia da Civilisação e do  
Brasil, da Escola de Commercio  
"Solon de Lucena", conforme edital  
de 26-1-1938.

# O MUNICIPIO DE MANÁOS

POR

Antonio de Castro Carneiro

MANÁOS - AMAZONAS  
Typ. da Liv. "Normalista"  
1938

1938

These apresentada ao concurso  
da cadeira de Geographia, Choro-  
graphia, Historia da Civilização e do  
Brasil, da Escola de Commercio  
"Solon de Lucena", conforme edital  
de 26-1-1938,

*Manaus*

*Manaus*

# O MUNICIPIO DE MANAÓS

— POR —

Antonio de Castro Carneiro

BIBLIOTECA ARTHUR REIS  
MANAUS - AMAZONAS

MANAÓS - AMAZONAS  
Typ. da Liv. "Normalista"  
1938

*« ..... Em geografia portanto, o método deverá ser analítico sintético, e respeitar o princípio que manda ir do próximo ao remoto até certo limite. A dificuldade está em se determinar os « todos » mais próximos e seria-los com outros « todos » porque se é verdade que o local é o « todo » mais próximo da criança, não é menos verdade, como afirma Dewey, que ela vê a lua, o sol, as nuvens, que são partes de um « todo » mais remoto.»*

**Prof. Penteado Junior**



## PARTE HISTORICA

---

A « Cidade Risonha » de Raul de Azevedo, a « Revelação da Republica » de Afonso Penna, em 1.669, era um modesto reducto de pedra e barro, de forma quadrangular, construido pelo capitão Francisco da Motta Falcão, auxiliado pelo seu filho Manoel da Motta Siqueira, especialista em fortificações desse genero, de ordens do governador paraense Antonio de Albuquerque Coêlho de Carvalho, afim de assegurar o dominio portuguez ameaçado pelos holandezes da Guyanna e os missionarios hespanhoes de posse capitão do rio Solimões.

O fortim recebeu o nome de São José do Rio Negro e a região a denominação de Logar da Barra. Foi artilhado com quatro peças, sendo duas de bronze e duas de ferro, respectivamente, com o calibre um e tres, e a sua guarnição se organisou com algumas praças das companhias do Pará e teve como seu primeiro commandante o capitão Angelico de Barros.

O professor Arthur Cezar Ferreira dos Reis, em sua Historia do Amazonas, afirma que, do Fortim para o alto rio Negro, alguns milhares de nativos dominavam e se opunham á subida dos portuguezes. Bertino Miranda, em seu livro « A Cidade de Manáos », diz que os portuguezes já tinham perdido a esperança de chamal-os á vida civilizada, e, considerando que os jesuitas Francisco Vellozo e Manoel Pires, sahidos de São Luiz em 22 de Junho de 1.657, entram em boas relações com os Tarumás, conseguindo reunil-os em missões perto da bocca do Tarumá Grande, onde obtiveram seiscentos captivos e, descidos, foram distribuidos pelas aldeias da Companhia de Jesus e pelos moradores do Pará e que, no anno seguinte, depois da visita do padre Pedro Pires e do provincial dos jesuitas, padre Francisco Gonçalves, apostolo de proclamadas virtudes, encanecido nas conversões e perito na lingua dos nativos, rendeu, na volta dos dois missionarios, mais

setecentos escravos, justificado se acha o odio dos filhos da gleba aos portuguezes.

O sargento Guilherme Valente, elemento da guarnição do Fortim, num gesto de abnegação e renuncia, redimindo os de sua raça, toma por esposa uma india Manãos, filha de um dos tuchauas, conquistando pelo amor a confiança e a amizade dos regionaes, inicia o povoamento do solo e lança as bases da cidade de Manãos.

A rendosa missão dos Tarumás que, tão avultados numero de escravos forneceu a Companhia de Jesus, com a primeira expulsão dos jesuitas, foi abandonada em 1.661, oito annos antes da construção do reducto de São José do Rio Negro e oitenta e quatro annos antes da fundação do povoado de Nossa Senhora da Conceição do Mariuá (Barcellos), aldeia de Manãos, fundada pelo carmelita frei Mathias de São Boaventura em 1.695.

E' verdade que os jesuitas, amparados pela carta regia de 19 de Março de 1.693, que confiou á Companhia de Jesus o trecho comprehendido entre o rio Urubú e o rio Negro e todo o valle deste, tentaram, sobre os remanentes da obra iniciada em 1.657, reviver a missão dos Tarumás, e o padre José Maria Garzoni, elemento de valor e destaque na Ordem, antes da carta regia de 29 de Novembro de 1.694, alli catechizou por algum tempo e, auxiliado por outros elementos da Companhia, que, tomando a responsabilidade do aldeamento dos nativos que se localisavam no Logar da Barra, em torno do Fortim, emprehenderam algumas tentativas de rio acima sem outros resultados que alguns captivos.

A semente lançada pelo sargento Guilherme Valente germinara á sombra protectora do Fortim de São José do Rio Negro, e os carmelitas, chegados ao Logar da Barra em 1.695, com desprendimento e zelo, a cultivaram, vencendo pela cordura no trato e pela palavra amiga e convencidora os impetos de viagança dos Manãos, Barés, Passes, Carajás, Jumas, Banibas e Cueveras, que, reunidos, celebram pazes e aceitaram o dominio portuguez.

E, como padroeira da futura cidade de Manáos, tomaram Nossa Senhora da Conceição, construindo com os elementos que dispunham um modesto templo. O acto de clemencia de D. José I, concedendo perdão ao criminoso Manoel Dias, que, em companhia de duzentos nativos submettidos a sua pessoa, e ao tuchaua Mathias da Costa com o seu grupo, vindo do Ixié, fixaram residencia no Logar da Barra, deu vulto ao seu desenvolvimento, assig-nalado desde 1.760.

Pela sua posição geographica, o governador Lobo d'Almada, em 1.791, sem ordens regias, transferiu a capital da Capitania de São José do Rio Negro, de Barcellos para o Logar da Barra, donde, por carta regia de 2 de Agosto de 1.798, volveu a Barcellos. Morto Lobo d'Almada, o mais progressista dos administradores do periodo colonial, o Conde dos Arcos, então governador da Provincia do Pará e mais tarde o ultimo vice-rei do Brasil, deu ordens ao coronel Simões de Carvalho, em 13 de Agosto de 1.803 para reconduzir a Capital ao Logar da Barra em homena-gem a Lobo d'Almada, o maior governador do Amazonas. Mas, com a morte do coronel Simões de Carvalho em viagem a 7 de Outubro de 1.805, foi reconduzida, em cum-primento ás ordens dadas, a 29 de Março de 1.808, pelo capitão de mar e guerra José Joaquim Victorio da Costa, nomeado governador por decreto de 4 de Fevereiro de 1.806.

Sem ser villa e nem tendo os predicamentos de villa, condições necessarias, para ser capital, soffreu o predomi-nio da Camara de Barcellos até 1.828 e o de Serpa até 1.833, isto é, o acto de 25 de Junho de 1.833 — do Governo Paraense, que creou a Comarca do Alto Amazonas, com quatro villas, sédes de termos, e elevou o Logar da Barra a villa com o nome de Manáos e a fez séde de um juizado de Direito, um de orphãos e uma promotoria publica, ini-ciando a vida municipal manauense, creando uma camara municipal que o seu titulo de villa lhe dava direito.

A Lei 147 de 24 de Outubro de 1.848, da Assembléa

Provincial Paraense, que elevou a villa de Manãos a cidade da Barra do Rio Negro, foi alterada pela Lei 68, de 4 de Setembro de 1856, da Assembléa Provincial Amazonense que mudou a denominação para cidade de Manãos, mantida até hoje.

Os primeiros limites do municipio de Manãos, foram o Baixo Amazonas, o rio Negro até Ayrão, o rio Solimões até Castro de Avelãs e o rio Purús, ainda inculto e quasi sem habitantes.

A sua camara municipal foi installada no terceiro trimestre de 1833 e teve como primeiro presidente Joaquim Rodrigues Callado. E, na administração do dr Manoel Gomes Corrêa de Miranda (de 27 de Julho de 1852 a 22 de Abril de 1853) foi iniciada a construção, em Manãos, da camara municipal e da thesouraria da fazenda, os primeiros predios publicos do Amazonas.

## Parte Physica

**Situação.**— O Municipio de Manãos é central e está collocado ao meio da planicie Amazonica.

**Limites.**— **AO NORTE.**— O rio Jauaperi desde sua fóz até á nascente principal. Uma linha dessa nascente até o divisor que separa as aguas que vêm para o Jauaperi das que vão para a bacia do Trombetas.

**A LESTE**— Este divisor de aguas até o rio Nhamundá. Este rio até o paralelo da nascente do rio Uatumã. Este paralelo desde aquele rio até esta nascente. O rio Uatumã desde a nascente principal até a confluencia do seu affluente igarapé Santo Antonio. Uma linha dessa confluencia até a nascente do rio Urubuí. Este rio até sua confluencia com o Urubú. Uma linha desde essa confluencia até a nascente do rio Preto da Eva. Este rio até sua fóz no Amazonas. O rio Amazonas desde a fóz do rio Preto da Eva, na margem esquerda, (paraná da Eva), até a confluencia do furo do Boto, na margem direita, ficando a ilha da Eva para o municipio de Itacoatiara. O furo do Boto, desde a margem direita do Amazonas, e depois os lagos do Boto e Araçá, até o paraná do Araçá. Este paraná desde a bôca do lago do Araçá, e depois os paranás Travessa e Japiim (denominações dadas af ao paraná do Autaz-Miri) até a bôca do furo Ceçaima. Este furo desde o paraná do Japiim até o igarapé Ceçaima. Este igarapé desde aquele furo até sua fóz no rio Mutuca. O rio Mutuca desde a confluencia do Ceçaima, subindo, até o furo do Mutuca ou Kerimirí. Este furo, desde o rio Mutuca até o lago do Kerimirí. Este lago até o lago do Capivara.

**AO SUL**— Os lagos Capivara e Perequitos até o paraná do Mamorí. O paraná do Mamorí, até o rio Juma. Este rio desde a sua foz, no paraná do Mamorí, até o braço conhecido por igarapé Juma. Uma linha ligando a fóz desse igarapé á do rio Tupana, no paraná do Castanho.



Este paraná e depois o lago do Castanho até o furo do Castanho.

**A OESTE** — O furo do Castanho até desembocar no lago de Manaquir. Este lago e depois o paraná do Manaquir. O paraná de Manaquir desde aquele lago até a sua bôca principal, na margem direita do rio Solimões. Uma linha atravessando o rio Solimões desde a bôca principal do paraná de Manaquir até a bôca do furo do Arapap, na margem esquerda, ficando para este município a ilha da Paciencia. O furo do Arapap desde a bôca do Solimões até sua confluencia com o furo do Ariuh. Uma linha dessa confluencia ao divisor de aguas entre os rios Negro e Manacapur. Este divisor de aguas e depois o divisor entre os rios Jaú e Badajz desde aquela linha até a nascente do rio Jaú. Este rio desde sua cabeceira principal até a fz na margem direita do rio Negro. O rio Negro desde a fz do rio Jaú até a confluencia do Jauaper, na margem esquerda.

**Superfície.** Calcula-se em 85.756 kilometros quadrados.

**Aspecto physico.** — O solo  baixo, plano e alagado, cortado pelos rios Amazonas, Solimões e Negro, e por inumeros igarapes, paranás e furos, todos pertencentes  bacia do Amazonas.

**Clima.** —  quente e humido porem estavel e saudavel com uma media geral de

Maxima absoluta 34,6 centigrados.

Minima absoluta 18,8 centigrados.

Media da temperatura 28,2 centigrados.

**Salubridade.** — Os pontos, onde o movimento das aguas não tem influencia na enchente e na vasante, são bastante salubres, pois, nos logares baixos e alagados,  margem dos rios, reinam as febres palustres e intermitentes.

**Orographia.** O Município de Manos, estando ao centro da planície amazonica, não tem montanhas.



## **AVISO**

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.  
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO  
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL  
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A  
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO  
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

**FONE: (92) 2125-5330**

**FAX: (92) 2125-5301**

**EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)**



Secretaria de  
**Estado de Cultura**



**CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA**